

AS CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO DE VIKTOR EMIL FRANKL NA FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA VALORATIVA

Luciana Cordeiro Telles¹

Josely Ferreira Ribeiro²

Vera Rudge Werneck³

Resumo: Este artigo aborda reflexões sobre a importância de educar o homem deste tempo para os valores, ou seja, para um referencial que garanta o agir humano e consequentemente um sentido para a própria vida. Esta pesquisa realizou um levantamento bibliográfico focado na categorização de valores proposta por Viktor Frankl e em sua teoria para a formação humana. Para Frankl, os valores são meios pelos quais o ser humano identifica os sentidos da vida e pode ser criativo, ou seja, quando um homem “entrega” ao mundo seus talentos e vivências, “recebe” de volta experiências de amor e contemplação do belo. Assim, são pelos valores de atitude que o ser humano se vê provocado a adotar uma postura diante de uma situação que não pode mudar. Nesse sentido, a Educação abre o campo visual do educando para as possibilidades de realização de valores e sentido da vida por meio da própria consciência.

Palavras-chaves: Viktor Frankl; Valores; Consciência; Educação.

THE CONTRIBUTIONS OF VIKTOR EMIL FRANKL'S THOUGHT IN THE FORMATION OF A VALUABLE CONSCIOUSNESS

Abstract: This article reflects about the importance of educating the man of this time for values, in other words, for a referential that ensures the human action and, consequently, a meaning for life itself. This research worked on a bibliographical survey focused on the categorization of values proposed by Viktor Frankl and on his theory for human formation. For Frankl, the values are the forms that human beings identify the meanings of life and they can be creative, that is to say, when a man "delivers" his talents and experiences to the world, he "receives" experiences of love

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis. Professora do curso de Logoterapia e Análise existencial da Oficina Viva Produções em parceria com a PUC-SP. Atua como educadora e terapeuta em instituições de tratamento à dependência química. *E-mail:* cordeiroteles@gmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis. Professora da Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora/MG. *E-mail:* josely@gmail.com.

³ Doutora em Filosofia pela Universidade Gama Filho (1988). Atualmente é professora titular da Universidade Católica de Petrópolis. *E-mail:* verarw@copavi.com.br.

and contemplation of the beauty. Therefore, it is by the values of attitude that the human being is provoked to adopt a posture in the face of a situation that cannot change. In this sense, Education opens the student's visual field to possibilities of achieving values and the meaning in life through their own conscience.

Keywords: Viktor Frankl; Values; Conscience; Education.

LAS CONTRIBUCIONES DEL PENSAMIENTO DE VIKTOR EMIL FRANKL EN LA FORMACIÓN DE UNA CONCIENCIA EVALUATIVA

Resumen: Este artículo discute reflexiones a cerca de la importancia de educar el hombre de estos tiempos para los valores, o sea, para una referencia que garanta la acción humana y consecuentemente un sentido para la propia vida. Este estudio a realizado un levantamiento bibliográfico enfocado em la categorización de valores propuesto por Viktor Frankl y em su teoría para la formación humana. Para Frankl, los valores son maneras por lo cual el ser humano identifica los sentidos de la vida y pode ser creativo, o sea, cuando el hombre “otorga” al mundo sus talentos y vivencias, “recibe” las experiencias de amor e contemplación de bello. Así, son pelos valores y actitudes que el ser humano se vé provocado a adoptar uma postura al frente de uma situación que no se puede cambiar. Em este sentido, la educación abre el campo visual del alumno para las posibilidades de realización de valores y sentido de la vida por medio de la propia conciencia.

Palabras clave: Víctor Frankl; Valores; Conciencia; Educación.

Introdução

Este trabalho pretende apresentar as contribuições do pensamento do neuropsiquiatra austríaco Viktor Emil Frankl, o primeiro a estudar sobre o sentido da vida do mundo, a partir de uma elaboração acerca dos valores da consciência humana. A discussão objetiva refletir sobre qual é a importância de educar o homem para os valores, tendo-os como critérios que garantam o agir humano e o sentido para a própria vida.

O trabalho pretendeu realizar um paralelo entre os conceitos de Frankl e sua aplicabilidade dentro da Educação, a partir de uma pesquisa de metodologia qualitativa, de modo a identificar se o educando é capaz de desenvolver sua consciência valorativa para aplicá-la ao longo da construção do seu próprio sentido da vida. Isto posto, pela revisão de literatura, a investigação se apropriou dos

conceitos basilares das ideias defendidas pela Logoterapia, por Frankl e por obras de autores que se dedicam ao estudo dos fundamentos defendidos pelo neuropsiquiatra, bem como a produção de periódicos científicos que abordam a temática. Dessa maneira, o presente trabalho se ancora na revisão de literatura, realizando uma articulação entre as bases teóricas apresentadas.

Para tanto, o objetivo geral deste estudo é apresentar as contribuições do pensamento de Viktor Frankl no processo da categorização de valores na formação humana. A estrutura deste artigo se estabelece de acordo com os objetivos específicos propostos como questão central: relatar a necessidade da Educação para os valores na formação humana; descrever em linhas gerais o pensamento de Viktor Frankl; categorizar os valores para realização de sentido de vida. Esta discussão se faz necessária nos tempos atuais, chamado também de “tempo líquido”, marcado tanto pelo individualismo, quanto pela supervalorização do “eu”.

Em mundo apresentado em migalhas, segundo La Taille (2009), a quantidade de informações não integradas à vida que o ser humano tem acesso o faz cada vez mais fragmentado. Para aprender a viver, o conhecimento adquirido de forma intelectual deve passar por uma transformação que resulte em sabedoria e que esta seja incorporada à vida: uma exigência de Educação cada vez mais necessária no mundo atual.

Segundo Werneck (2013), existe uma diferença fundamental entre instruir e educar: instruir significa ensinar técnicas e teorias e educar pressupõe a vivência e a aprendizagem de valores. Estabelecidas essas diferenças, a autora discute a possibilidade de uma crise no processo educativo brasileiro durante a formação de pessoas responsáveis perante a sociedade, uma vez que a função da Educação é adequar-se ao desenvolvimento da pessoa humana, partindo dos valores e de sua ordenação.

Na atualidade, tanto a crise existencial quanto a axiológica refletem o modo como o homem tem respondido às mudanças socioeconômicas e políticas, por vezes, optando por contravalores que desumanizam sua própria vida e suas relações interpessoais. Nesse sentido, é fundamental encontrar referenciais e critérios que garantam o agir humano e um sentido para a própria vida. E é justamente este sentido para a vida o pilar central do pensamento de Viktor Emil Frankl, psiquiatra austríaco que fundou Logoterapia, terceira escola vienense de psicoterapia.

Para a Logoterapia, há um sentido potencial para a vida em qualquer circunstância, daí a importância da ajuda oferecida ao homem de um mundo em crise

sob o aspecto educativo. Nesse contexto, a antropologia filosófica de Viktor Frankl traz uma visão de homem que preconiza a motivação básica do ser humano como uma vontade de sentido, ou seja, reside no homem a necessidade ontológica de encontrar sentido nas situações da vida.

Os valores são possibilidades para realização de sentido por excelência; de forma particular Frankl (2011), os classifica em três grupos: o primeiro refere-se àquilo que o homem “dá” ao mundo sob a forma de suas “obras”; o segundo relaciona-se ao que o homem “recebe” do mundo, no diz respeito às relações humanas e às experiências com o belo e com a natureza; e o terceiro à atitude que o ser humano é provocado a adotar diante de uma situação que não é possível modificar.

Educar para valores

Fazendo um recorte histórico, Bauman (2007) salienta que a humanidade nunca teve tanta clareza da sua finitude como na cultura contemporânea. Ao mesmo tempo, escapam de tantas maneiras das experiências dolorosas através de tecnologias que ostentam um ilusório prazer. O que se vive é uma vida líquida em condições de incerteza constante, uma versão perniciososa da “dança das cadeiras”, em que ocorre a liquefação dos valores mais elevados da condição humana. Segundo o autor, uma das características mais evidentes desses “tempos líquidos”, é a incapacidade do ser humano de se relacionar com a pessoa do outro na sua dignidade e singularidade, em um momento que, cada vez mais, a alteridade tem sido vista como uma ameaça e não como uma riqueza das relações humanas.

Segundo Cruz (2013), Gilles Lipovetsky, filósofo francês que estuda a pós-modernidade, denomina o tempo atual como “hipermodernidade”, utilizando tal nomenclatura para fazer menção à exacerbação dos valores da modernidade, à cultura do excesso e ao momento em que o homem tem optado por viver o efêmero em um ritmo frenético na busca intensa pelo seu bem-estar, na supervalorização do “Eu” e no individualismo; este se consolida nas relações pelo estímulo do consumismo e deixa o ser humano cada vez adoecido à medida que se fecha ao outro. Diante de valores que desumanizam a vida do homem, Werneck (2013) afirma que uma das maiores questões investigadas sobre a existência humana gira em torno

da antropologia filosófica, ou seja, em torno de como o homem deve ser educado para que se desenvolva da melhor maneira segundo sua destinação ontológica.

No século XIX, o objeto de conhecimento da ciência deixou de ser o ente e seu valor, assim como os outros conhecimentos. Logo, o valor que estes representavam para o homem e a capacidade de satisfazer suas necessidades deixaram de ter relevância por si mesmos. Na cultura ocidental, a ideia de valor é aquilo que se adquire pela razão, porém o valor para o homem, significa o que vale para ele, ou seja, aquilo que pode preencher suas carências: o bem, o belo, o verdadeiro, o amor, o sagrado, a saúde, o bem-estar, entre outros. Para Werneck (2013), tanto a criança quanto o adolescente precisam da experiência do próprio valor para não se tornarem dependentes de “terceiros”, em um esforço de obter a companhia que os valorize. A falta de um valor fundamental é vivenciada pelo ser humano como a infelicidade, que pode ser representada na falta de saúde, de amor, de paz.

No que tange a Educação, a reflexão sobre a antropologia filosófica é salutar para que o educando, conhecendo a si mesmo e a sua orientação ontológica, possa se sentir responsável pela sua existência (WERNECK, 2013). Sem a possibilidade de neutralidade, todas as experiências que envolvem o educador e o educando são permeadas pela seleção de valores, desde a construção do currículo até as relações interpessoais, escolha de exercícios, reuniões, e resolução de problemas. As inúmeras escolhas realizadas na complexa trama do cotidiano levam o educador a perceber que, por vezes, está envolvido em um processo alienante no qual seu olhar já não consegue alcançar a importância das pequenas escolhas em situações microscópicas.

Tratando-se da subjetividade ou da objetividade de tais valores, Werneck (2010) disserta sobre a constatação da existência de um aspecto universal do ser humano, ou seja, toda pessoa tem exigências comuns, como a corporalidade, a racionalidade, a sensibilidade e a vontade, que correspondem à valores universais. Por outro lado, cada pessoa é portadora de uma personalidade singular e, nesse sentido, a hierarquia de valores corresponde às necessidades pessoais de acordo com as circunstâncias.

Ao relatar a dificuldade do homem contemporâneo em retardar suas satisfações pessoais e com isso repudiar certos sacrifícios necessários ao aperfeiçoamento humano, Bauman (2007, *apud* LA TAILLE, 2009) afirma que o individualismo tem repercussões desastrosas nas relações humanas ao se consolidar na sociedade e menciona como é raro perceber “a força de vontade” nas ações

cotidianas, nas quais a razão pouco regula a afetividade, retratando a passividade diante da vida quando esta é guiada pelas emoções desordenadas.

Considerando o homem como uma “pessoa” possuidora de uma “personalidade”, Werneck (2013, p. 37) entende a Educação como “[...] o processo de reconhecimento, busca, apreensão e hierarquização dos valores de modo próprio e adequado para promover a humanização do homem”. Tendo em vista que o homem é dotado de uma natureza racional e de liberdade que lhe confere dignidade, a prática educativa exercida pela escola, família ou outras instâncias e instituições, mostra a possibilidade de superação dos limites da própria natureza humana, das condições sociais e econômicas. Assim, além de educar para um bom exercício da liberdade, o educador também “[...] vai trabalhar o sentimento instaurando o amor pelo verdadeiro, pelo belo e pelo bom” (WERNECK, 2013, p. 42).

O pensamento de Viktor Frankl e sua categorização de valores

Viktor Frankl é fundador da terceira escola vienense de psicoterapia denominada Logoterapia; de cunho fenomenológico, existencial e humanista, também conhecida como Psicoterapia do Sentido da Vida. A Logoterapia se utiliza do método fenomenológico, no qual o fenômeno não é a aparência dos fatos, mas a revelação do ser em si, isto é, a manifestação da realidade vivida pela pessoa. Um grande diferencial de todas as outras linhas psicológicas de seu tempo é a sua antropologia filosófica, na qual Frankl concebe, além da psicofísica, a dimensão noética como aquela composta por fenômenos especificamente humanos (MOREIRA; HOLANDA, 2010).

Segundo Gottfried (2019), uma das contribuições fundamentais que deixou fortes marcas na concepção de homem de Frankl, foi o sistema antropológico e axiológico de Max Scheler, não só no que tange a reformulação do conceito integral de homem com a inclusão da dimensão noética, mas na concepção da ética dos valores. Paredes (2016) descreve Max Scheler (1874-1928) como um notável filósofo e antropólogo que se interessou em investigar problemas humanos, como a ética e a liberdade, por isso adotou o método fenomenológico de Edmund Husserl.

Para Scheler, os valores, embora dados na intuição dos sentimentos, são independentes deles e da pessoa que os apreende, isso significa que, “[...] as essências valiosas são transcendentais da pessoa que as apreende, estão aqui desde

sempre e são em si mesmas imutáveis e eternas” (apud GOTTFRIED, 2019, p. 187). Para Albuquerque (2016), Max Scheler entende que a posição ética não surge de uma norma, mas de valores que estão nas coisas apreendidas por meio da categoria da emoção, contrapondo-se à ética kantiana. Nesse sentido, há uma clara oposição entre o valor e o dever, este é algo extrínseco à pessoa e, por vezes, tem valor negativo, somente de obrigatoriedade, mas, de um outro lado, para Scheler, a ética deve ser o cumprimento de um valor, algo vivencial.

Pressupondo que a motivação principal do homem é a busca pelo sentido, Gottfried (2019, p. 186) descreve que é inerente ao homem dar significado à realidade através da consciência, órgão do sentido que realiza os valores. O autor descreve que, para Scheler, “valorar significa implicitamente preferir um valor a outro”, então, quando o homem experimenta um valor, concomitantemente, orienta seu grau na hierarquia e experimenta que ele tem um grau mais elevado do que o outro. Assim, para Paredes (2016), cada situação implica em uma possibilidade de valor a realizar, ou seja, cada pessoa concreta, em uma situação concreta, irá eleger a opção com mais sentido. À vista disso, mesmo que ela possa se equivocar na sua decisão e não realizar valores, estará exercendo a responsabilidade, uma característica da Logoterapia que, essencialmente, é uma educação para a responsabilidade.

A percepção dos valores inaugurada por Scheler está na base da concepção de valores de Viktor Frankl, na qual o “dever-ser” está relacionado aos valores dados a priori na consciência da pessoa. Assim, a fenomenologia dos valores trata sobre como o homem, enquanto ser que valora a todo instante, encontra sentido nas diferentes situações da vida. Frankl não propõe uma hierarquia de valores tal como Scheler, mas categorias de valores como vias para encontrar um sentido nas mais diversas situações e, como no caso deste estudo, como esses valores têm implicações nas práticas pedagógicas (MIGUEZ, 2015).

A visão de homem em Frankl (2011) traz desdobramentos importantes no que tange à moralidade e a Educação, pois a pessoa humana era reduzida aos planos psicofísicos em concepções psicológicas anteriores, ou seja, um sistema fechado de reflexos e reações psicológicas, interessando-se somente por si mesmo e por sua homeostase. Para Frankl, a pessoa é entendida como um ser aberto para o mundo, para além de si mesma, isso significa, que a essência da existência humana está na autotranscendência e na capacidade de transcender a si mesmo quando “aponta” na direção de alguma causa que serve ou de alguma pessoa que ama (FREITAS, 2016).

Moreira e Holanda (2010) pontuam que Frankl critica as concepções de saúde mental que afirmam a necessidade de um equilíbrio homeostático, pois o homem precisa de um determinado nível de tensão na existência humana. Noodinâmica é o termo usado por Frankl para identificar esse estado de tensão próprio da dinâmica existencial, da tensão entre o “ser” e o “dever-ser”, ou seja, da busca e da luta por um objetivo que valha a pena. A Logoterapia, então, é responsável pela orientação do homem na conscientização do espiritual, no que se refere à consciência do seu ser-responsável. De modo que a responsabilidade se direcione sempre perante um sentido.

Muitas patologias têm se manifestado nos tempos atuais dado o ceticismo de princípios dissipados pelo niilismo, logo é imperativo educar a consciência para tornar-se visível à riqueza do mundo de valores, como antídoto para a ausência de sentido. Diante da vida, em toda a sua complexidade de situações não previsíveis, o homem necessita ser dócil para se deslocar a um outro grupo de valores de tempo em tempo sem se fixar em um determinado grupo. Frankl (2011) chama essa docilidade do espírito humano às oportunidades da vida de “uma elasticidade declarada”.

Em muitas situações, a pessoa afirma que sua vida não tem sentido por carecer de um valor superior à sua atividade, porém, para Frankl (2011), não é o tipo de atividade realizada que determina o valor de uma situação, mas o modo como realiza-se a tarefa que faz toda diferença. Dentro de uma sociedade capitalista, consumista e hedonista, é necessário reformular nossas crenças sobre o que é mais valioso, pois tais ideologias vão pouco a pouco influenciando a hierarquização de valores. Nesse sentido, Frankl (2011) evidencia que compreender aquilo que é valioso independe da estreiteza das circunstâncias e da apreensão de toda riqueza do reino de valores subjacentes em cada situação vivida.

No pensamento frankliano, os valores que permitem ao homem a realização de sentido em sua própria existência encontram-se em uma tríplice direção: criatividade, experiência e atitude. Essa tríplice corresponde a três valores por excelência: o trabalho, o amor e o sofrimento. Essa categorização dos valores feita por Frankl surge dos valores de criação, dos valores de vivência e dos valores de atitude.

Os valores de criação correspondem à capacidade de o ser humano fazer, oferecer, entregar, dar algo através de suas criações, isto é, de intervir e transformar o mundo com suas decisões livres e responsáveis. Uma das formas de concretizar os

valores de criação é através do trabalho, pois significa a forma como o ser humano está no mundo. Para Frankl, o trabalho precisa ser amado e não somente um meio para alcançar um fim, pois a concepção do trabalho com um fim em si mesmo ou como um meio para alcançar um fim despersonaliza o ser humano, mas, ao contrário, quando o trabalho realizado com amor, transforma-se em uma possibilidade de realização de sentido em detrimento dos seus fins secundários, como o status e o dinheiro (GOTTFRIED, 2019).

A segunda categoria axiológica de Frankl trata dos valores de vivência, na qual o homem, além de oferecer seu trabalho ao mundo, também pode receber riquíssimas manifestações do mundo, como contemplar uma bela paisagem, o contato com a natureza, escutar um concerto musical, amar profundamente uma pessoa – entendendo o amor como o valor vivencial por excelência.

A profunda abertura de um ser humano em relação ao outro, deve-se à consciência fenomenológica, que entende o homem ontologicamente diferente dos demais, pois recebe em sua humanidade potencialidades para dar conta da própria vida e ampliá-la, transcendendo e surpreendendo a si mesmo diante de suas superações (TELLES; ZANATTA, 2020, p. 89).

O encontro com o outro implica em uma disposição interior para se deixar ser tocado pela experiência viva da alteridade. Nesse encontro interpessoal, a experiência de ser amado por outra pessoa, remete a uma sensação de aceitação de si mesmo, tornando-se um meio para despertar potencialidades, ou seja, desenvolver um potencial ainda encoberto pelas imperfeições de comportamento.

A terceira categoria axiológica de Frankl se refere aos valores de atitude, na qual o homem se vê impossibilitado de realizar sentido de vida através dos valores de criação ou dos valores de vivência (GOTTFRIED, 2019). A capacidade do homem em superar os sofrimentos, não é outra coisa senão a capacidade de realizar os valores de atitude, pois, para Frankl é pela superação do sofrimento que se manifesta a grandeza do homem. Assim, a realização dos valores de atitude se estende a todas as situações nas quais o homem se vê impossibilitado de transformar o exterior e é, a partir desta constatação, que ele é desafiado a mudar a si mesmo; mesmo que em um primeiro momento o sofrimento precise ser aceito e assumido para ser superado, ele causa no homem uma tensão profunda que orienta a sua existência para o “dever-ser” e uma melhor versão de si mesmo.

Educação e consciência valorativa à luz de Viktor Frankl

A cultura ocidental consumista “empurra” o homem para a felicidade e atrela esse conceito ao êxito socioeconômico. Segundo Paredes (2016), essa linha de raciocínio tem impacto na forma do ser humano se relacionar com a vida, pois projeta-se que, quanto menos desconforto e menos tensão no dia a dia, mais a pessoa será feliz, além disso, também se calcula que, quanto mais status e coisas o ser humano têm, mais a vida torna-se valiosa.

Uma característica emblemática da pós-modernidade é o sentimento de angústia que atinge o homem atual por diversas razões, dentre elas pela falta de referências seguras para ser modelo de comportamento e ausência de esperança na própria vida e no futuro. Vivendo em uma época marcada pela falta de sentido, Frankl (2011) defende que, atualmente, a Educação não deveria se ocupar de transmitir somente o conhecimento, mas aguçar a consciência para que o homem seja capaz de encontrar o valor subjacente em cada situação vivida e se aperfeiçoe na tomada de decisões de forma livre e responsável. Werneck (2013) define a Educação como o processo de descobrir, apreender e hierarquizar os valores de modo próprio e adequado a promover a humanização do homem enquanto pessoa e enquanto personalidade.

Debruçando-se ainda sobre a definição de Educação e sua finalidade, Miguez (2015) ressalta que a vocação pedagógica da análise existencial de Frankl aconteceu antes mesmo dele ser levado aos campos de concentração, quando escreveu uma série de artigos sobre os questionamentos e incertezas dos jovens e apresentou algumas razões para instituir centros de assessoramento para ajudá-los a encontrar um sentido de vida em um momento da história marcado por altos índices de suicídio. Por se tratar de um problema essencialmente social, o trabalho executado em favor dos jovens tinha um caráter muito mais profilático e psicopedagógico do que terapêutico, evidenciando uma preocupação genuína com a vida humana desde o início.

Partindo do pressuposto de que a pessoa deve ser o centro do trabalho educativo, deve-se questionar os modelos educativos que permeiam nossa atualidade, pois estes estão consolidados em um progresso técnico-científico em detrimento dos valores humanistas. Nesse contexto, evidencia-se que, para uma Educação humanizada, é necessário um caminho axiológico que dignifique as pessoas

e suas relações. Werneck (2013) ressalta que, para a formação da pessoa humana de forma integral, é necessária uma Educação para sensibilidade, pois se vê nos projetos pedagógicos atuais uma maior preocupação com o aprimoramento intelectual. A Educação para a sensibilidade torna o ser humano capaz de distinguir e buscar os valores adequados para o seu crescimento enquanto pessoa, pois é por meio da sensibilidade que o ser humano tem a capacidade de apreender o valor do objeto oferecido a ele. Em contrapartida, a privação de algo faz com que a pessoa tenha uma experiência negativa, que constitui o conhecimento do objeto pela sua ausência, resultando no sentimento de carência e da insatisfação, que impulsionam a pessoa na direção de valores que possam satisfazê-lo.

Diante da complexidade do ser humano, Vale (2014) afirma que compreender o sentido da vida é ampliar o conhecimento sobre como e por que se aprende, visto que o homem é um ser em busca de sentido. Para Frankl (2011), não é a pessoa quem deve esperar algo da vida, é a vida quem pergunta e interpela a pessoa. À vista disso, é na inversão de perguntas que o ser humano é provocado a pensar sobre o que está acontecendo na sua vida e no mundo e como pode dar respostas responsáveis, potencializando a sua própria autonomia. Um componente fundamental para o exercício da cidadania é a presença da Democracia na Educação, pois discursar sobre o bem comum pressupõe o reconhecimento da diferença das pessoas e também os aspectos comuns a todos os membros da sociedade, o que impulsiona atitudes de solidariedade.

A crise percebida na Educação advém do fato dela não ter definido a sua finalidade e de, nos últimos anos, ter permanecido atrelada aos serviços da sociedade de consumo, convertendo sua função social e humanizadora em técnicas simples. Nesse contexto, uma das grandes contribuições do pensamento frankliano, está em recolocar para o centro da discussão o insubstituível protagonismo da consciência como “órgão do sentido” (MIGUEZ, 2011). O sentido pode ser encontrado em todas as situações vividas desde que o homem esteja equipado; por consequência, a tarefa primordial da Educação passa a ser o afinar da consciência. Rompendo com alguns paradigmas, Frankl entende que a dimensão moral da vida humana está no não cair na tentação do formalismo ético, ou seja, no “dever pelo dever”, no despertar da singularidade das situações que encerram potencialidades de sentido.

Para Freitas (2016), o pensamento de Frankl pode contribuir para reformulação do discurso pedagógico ao introduzir a dimensão do sentido na Educação, posicionando a pessoa entre o seu “ser” e o seu “dever-ser”. É exatamente

neste processo que o educador atua: a pessoa humana é chamada a responder com liberdade e responsabilidade diante dos condicionamentos que lhe são próprios, cujas resistência e resiliência são fortalecidas. Assim, é no processo formativo que a pessoa se prepara para dar conta da própria existência e esta culmina na responsabilização, ampliando o campo visual dos valores, para que o educando perceba as possibilidades de realização de sentido. Outra grande tarefa da Educação à luz a antropologia filosófica de Frankl é o auxílio à pessoa no discernir sobre o que deve responder, “uma obra a realizar, uma missão a cumprir, ou sobre alguém a amar ou a servir” (FREITAS, 2016, p. 108).

A vontade de sentido, descrita como um pilar do pensamento frankliano, corresponde ao princípio de coerência interna da própria existência, pois toda experiência deve ser consolidada a partir da vontade de sentido. Assim, quando a vontade de sentido é frustrada, surge no ser humano o vazio existencial, principalmente nos tempos atuais em que a sociedade revela abundância de bens materiais e informações, resultando em um bombardeio de estímulos sensoriais. Nesse momento, o ser humano precisa saber o que é e o que não é importante para discernir sobre o que tem sentido ou não. Captar o valor das situações e da consciência que não pode ser reprimida tem como consequências o conformismo e o totalitarismo: o primeiro refere-se a fazer aquilo que as pessoas querem e o segundo a fazer aquilo que todos fazem (DAMÁSIO; SILVA; AQUINO, 2010).

A possibilidade de trazer uma novidade ao mundo é possível a toda pessoa e revela a singularidade de cada ser nesta existência, que também se reflete na abertura do ser humano ao mundo, ou seja, manifestando sua própria tendência em criar. O desenvolvimento da originalidade e da capacidade criativa da pessoa são pilares do processo educativo, estes envolvem faculdades que unificam a pessoa de modo que a atividade não culmine na prática, mas permaneça na metade do caminho. Logo, existe a necessidade da expansão do ser em direção ao mundo e aos outros, evidenciando o caráter autotranscendente de cada vida em busca de realização de sentido (MIGUEZ, 2015).

O trabalho é um espaço privilegiado para realização dos valores de criação; em contrapartida, a pessoa recebe riquezas do mundo que se transformam em matéria-prima para realização dos valores vivenciais, fazendo com que a arte seja um recurso educativo na descoberta dos valores e também na função de mobilizar os conteúdos do inconsciente espiritual através de metáforas e símbolos.

Dentro dos valores vivenciais, o amor e a experiência estão no cerne dos encontros existenciais, seja no desenvolvimento do tema da maturidade psicosssexual, seja na construção dos eixos norteadores de uma pedagogia sexual. Para Frankl (2011), somente através do amor o homem é capaz de se aproximar de um “tu” percebendo sua essência e suas potencialidades, não o reduzindo a rótulos e erros. Tal processo se torna um eixo da metodologia educativa, na qual o educador é o mediador da prática de diferenciação da personalidade dentro de um contexto social, de modo que os impulsos cedam lugar para habilidades de convivência como a solidariedade, a renúncia, o sacrifício e a empatia, características próprias da dimensão noética, na qual a pessoa apreende a riqueza pelo que é diferente dele mesmo e começa a exercitar as noções básicas do bem comum que estão para além de seus interesses imediatos.

O sentido do sofrimento pertence à terceira categoria de valores descrita por Frankl, na qual o homem defronta-se com sua própria impotência e indignidade. Miguez (2015) afirma que a cultura da arrogância não permite que o ser humano perceba o valor do sofrimento ao assumir como possibilidades a humanização e o crescimento interior. Para o autor, é no sofrimento que o mundo se torna mais transparente e reside a possibilidade de o homem ter mais lucidez sobre a sua real missão existencial.

Existe um universo muito amplo para realização de valores de atitude dentro das práticas educativas, uma vez que o cotidiano apresenta inúmeras situações de superação, conflito, limites e convivência. As práticas educativas, à luz do pensamento de Frankl, aguçam a consciência para perceber um lugar de crescimento na dor, de modo que a pessoa saia fortalecida das adversidades, ou seja, para que ela saia de um movimento de vitimização para uma postura de responsabilidade pela própria vida através das habilidades de resiliência, que ajudam a pessoa a não paralisar na emoção experimentada, pelo contrário, para que ela seja capaz de conhecer dentro si mesmo “a força desafiadora do espírito”, descrita por Frankl como a capacidade humana de sobrepor-se às situações que não podem ser modificadas.

Considerações finais

Nos ideais defendidos por Viktor Frankl, o homem é um ser que valora a todo o momento por estar constantemente aberto ao mundo nas diferentes situações da

vida. Infere-se, portanto, que é através dos valores que se dá sentido à existência humana. Esse sentido de existência se desenvolve a partir da tríplice amor, trabalho e sofrimento, que surge dos valores de criação, de vivência e de atitude: o primeiro corresponde à intervenção e à transformação do mundo a partir de decisões livres e responsáveis, principalmente pelo trabalho; o segundo à capacidade de oferecer seu trabalho e, em contrapartida, receber manifestações do mundo; o terceiro à capacidade do homem em superar os sofrimentos, valor que revela realmente a capacidade existencial da pessoa.

Isto posto, ao categorizar os valores para realização do sentido de vida, Frankl defende que a Educação tenha sua função para além da transmissão do conhecimento e do serviço à sociedade de consumo, ou seja, que ela também se preocupe em despertar no educando a capacidade de encontrar o valor existente em cada situação, até que ele se aperfeiçoe ao ponto de ser capaz de tomar decisões responsáveis.

Dessa maneira, percebe a conexão e articulação entre os ensinamentos basilares de Frankl, presentes em sua teoria, principalmente nos escritos sobre sentido de vida. Essa articulação se faz contundente ao perceber a necessidade de a Educação ser voltada para os valores da formação humana, constata-se também a necessidade da pessoa sentir-se responsável por sua existência, tal como afirma (WERNECK, 2013). À vista disso, o aluno, ao ser capaz de se autorresponsabilizar, entende que não há possibilidade de neutralidade na seleção de seus valores, decisões e na conseqüente promoção “humanização do homem” (WERNECK, 2013, p. 37). Logo, é a partir dessas decisões e do processo de autoconfiguração que se dá a forma como Frankl concebe a educabilidade humana, ou seja, é pela autoconfiguração que a pessoa precisa ser educada para tomar decisões responsáveis orientadas pelo seu “dever-ser” de modo que as tarefas educativas sejam aplicadas em “atividades de desenvolvimento”, nas quais a pessoa é educada a ampliar o campo perceptivo dos valores nas situações cotidianas.

No que diz respeito ao processo educativo das relações humanas, uma Educação completa não deve somente educar com amor, mas para a capacidade de amar, isso significa que, através das práticas pedagógicas, o educando deve perceber as necessidades do outro e se dispor a ajudar e a colaborar para o bem comum. Segundo Freitas (2016), reformular o processo pedagógico para que as ideias do pensamento frankliano sejam postas em prática de modo eficiente, despertaria no homem as noções de “ser” e “dever-ser”, fazendo com que ele seja capaz de libertar-

se e responsabilizar-se para discernir, por exemplo, sobre o que deve responder em “[...] uma obra a realizar, uma missão a cumprir, ou sobre alguém a amar ou a servir” (FREITAS, 2016, p. 108), tornando-o consciente das responsabilidades da própria vida. À vista disso, é trabalhando a autotranscendência em pequenas atitudes do dia a dia, que crianças e jovens aprenderão a se responsabilizar por uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse movimento relacional “eu-tu”, a pessoa, percebendo-se diferente dos demais, fortalece sua própria identidade ao mesmo tempo em que se abre à relação com os outros. Reconhecendo a alteridade não como um fator de ameaça, mas como uma diferença que complementa.

Diante da vulnerabilidade familiar, social e econômica que crianças e jovens se encontram, é urgente uma Educação que “afine a consciência” para apreender os valores subjacentes às situações difíceis da vida, fazendo com que os educandos desenvolvam atitudes de superação frente aos desafios. Nesse sentido, é necessário assegurar uma formação de consciência dentro de um universo ético que aperfeiçoe a autonomia da pessoa para que possa lutar pela transformação da sociedade com suas escolhas livres e responsáveis, orientadas para o bem comum e sentido de vida.

As questões iniciais levantadas neste ensaio podem ser ainda mais aprofundadas para a compreensão, aplicabilidade e novas perspectivas dos métodos pedagógicos de forma que estes orientem os educandos na busca pelo sentido de vida já no âmbito da Educação, tal como propôs Frankl. Um estudo mais detalhado poderá destacar as potencialidades da vida, que devem ser vistas à luz dos valores e do sentido para que o ser humano seja capaz de criar algo novo em si mesmo no exercício da liberdade humana.

Referências

ALBUQUERQUE, Francisco Deusimar Andrade. A Ética Personalista de Karol Wojtyła: uma tensão entre Scheler e Kant. **Mimesis**, Bauru, v. 37, n. 1, p. 7-20, 2016.

Disponível em:

https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v37_n1_2016_art_01.pdf. Acesso em: 12 dez. 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.

CRUZ, Daniel Nery da. Algumas características da pós-modernidade na concepção de Gilles Lipovetsky. **Intuitio**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 79-95, 2013. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/intuitio/article/view/13133>. Acesso em: 20 jan. 2022.

DAMÁSIO, Bruno F.; SILVA, Joilson P. da; AQUINO, Thiago Antonio Avellar de (org.). **Logoterapia & Educação**. São Paulo: Paulus Editora, 2010.

FRANKL, Viktor Emil. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. São Paulo: Paulus Editora, 2011.

FREITAS, Marina Lemos Silveira. **Educação Integradora da sexualidade humana: resgate do sentido do amor**. 2. ed. Ribeirão Preto, SP: Instituto de Educação e Cultura Frankl - IECVF, 2016.

GOTTFRIED, Andrés Enzo. **La dinámica espiritual en la Axiologia de Max Scheler y en la logoterapia de Viktor Frankl**. Mendoza: GLE, 2019.

LA TAILLE, Yves de. **Formação ética: do tédio ao respeito de si**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.

MIGUEZ, Eloisa Marques. **Educação em Viktor Frankl: entre o vazio existencial e o sentido da vida**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-14122015-164230/publico/TESE.pdf>. Acesso em: 15 out. 2021.

MOREIRA, Neir; HOLANDA, Adriano. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. **Psico-USF**, Curitiba, v. 15, n. 3, p. 345-356, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/HxrrqnNtNcfvGT5xQwbmNTf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 dez. 2021.

PAREDES, Alejandro Khaled Salomón. A exploração axiológica em psicoterapia: logoterapia. **Avanços em Psicologia**, v. 24, n. 2, p. 123-133, 2016. Disponível em: <https://revistas.unife.edu.pe/index.php/avancesenpsicologia/article/view/148>. Acesso em: 15 fev. 2022.

TELLES, Luciana Cordeiro; ZANATTA, Cleia. **Crenças no sentido de vida e habilidades sociais**. Curitiba: CRV, 2020.

VALE, Rosângela Martins do. Em busca de sentido à formação integral do ser humano na perspectiva de Viktor E. Frankl. **Logos & Existência Revista da Associação de Logoterapia e Análise Existencial**, v. 3, n. 2, p. 191-202, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/view/19944>. Acesso em: 03 jan. 2022.

WERNECK, Vera Rudge. **Educação e sensibilidade: um estudo sobre a teoria dos valores**. Rio de Janeiro: Editora Rovel, 2013.

WERNECK, Vera Rudge. Novos valores ou nova hierarquia de valores?. **Revista Meta: Avaliação**, v. 2, n. 4, p. 73-86, 2010. Disponível em:
<https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/49>. Acesso em: 17 fev. 2022.

Recebido em: mar. 2021

Aceito em: fev. 2021